



## **Entrevista com a Professora Giselle Trindade de Conceição<sup>1</sup>**

*Interview with Professor Giselle Trindade de Conceição*

### **Entrevistadores:**

Evelyn Vitoria Gonçalves dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Lucas Cauã Correa Silva<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Jesus de Nazaré de Lima Costa<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

### **1 Professora, você pode falar um pouco de você? Quem é a professora Giselle? Qual a sua trajetória profissional e acadêmica?**

Olá! Sou Giselle Trindade de Conceição, uma mulher preta, de cabelo preto, crespo, tenho 42 anos, moro na Ilha do Combú, que fica no Município de Belém, no Estado do Pará. Sou formada em pedagogia, pela Universidade do Estado do Pará UEPA, e tenho uma especialização em ensino da matemática nas séries iniciais em escolas ribeirinhas, pela Universidade Federal do Estado do Pará, estou também em uma formação, cursando uma especialização em educação antirracista na educação infantil, pela Universidade Federal de Minas Gerais, na modalidade EAD, e também, atualmente, participo do curso de aperfeiçoamento em educação escolar quilombola, no instituto

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), possui especialização em Ensino da Matemática nas Séries Iniciais em Escolas Ribeirinhas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, está em formação com uma especialização em Educação Antirracista na Educação Infantil pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na modalidade EAD, e participa do curso de aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola pelo Instituto Federal do Pará (IFPA).

<sup>2</sup> Graduanda em Física. Bolsista do Programa Conexões de Saberes.

<sup>3</sup> Estudante do curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Conexões de Saberes.

<sup>4</sup> Possui graduação em Filosofia (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal do Pará (2014). Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Currículo da Escola Básica (PPEB/UFPA). Especialista em Filosofia da Educação (2015/UFPA); especialista em Questões Étnico-raciais (2016/UFPA) e Especialista em Educação Especial e Inclusiva (2016/ESAMAZ).



federal do Pará. Eu trabalho em uma escola quilombola, chamada Francisco Pinto, que fica localizada na comunidade Itacoã Miri, município de Acará, Pará. Venho oriundo de um concurso público, e estou atuando em turmas, pela manhã, na educação infantil 2º e 3º anos, junto com uma outra colega, e à tarde, no ensino fundamental, turma do 1º ano, alfabetização, crianças com 6 anos.

Iniciei minha vida como docente em 2006, na na escola Ribeirinha anexo Santo Antônio, que pertence a Belém, trabalhei de 2006 até 2012, saí no mesmo ano e fui participar de um projeto da FADESP, que era o projeto socioeconômico que nós tínhamos que aplicar nos 144 município, e nós conseguimos atender 112 desses municípios paraense. Em 2015, retorno novamente para escola Santo Antônio, em uma turma de 1º ano, e à tarde, turma do 3º ano. Em 2007, sou chamada pelo concurso do Município de Acará, o qual realizei a prova, onde permaneço até então, na Escola Francisco Pinto, trabalhando como professora efetiva do município.

## **2 Quais são as histórias tradicionais contadas nas comunidades quilombolas e como elas podem ser incorporadas nas práticas de mediação de leitura?**

Uma das Histórias tradicionais contadas na comunidade, que nós ouvimos muito, principalmente pelas turmas em que eu atuo, é referente às visagens, os causos que os avós contam, principalmente como tem essa relação com a natureza e o misticismo, essas coisas assim, as noites soturnas da época. Então, os avós e os pais contam as histórias relacionadas ao padre sem cabeça, que aparecia no caminho do porto, muito da matinta, algumas visagens que apareciam na casa grande, recontam também muito da história, das festividades de Irmandade que tinham antes, que não eram comunidades em si, chamava-se Irmandade, e dos foguetos que tinha no cordão, que os bisavós participavam. Delas, de todas, as que eu mais utilizo, me amparo, é a do padre sem cabeça, por ser aquela história um pouco mais assustadora, aí chama atenção das crianças, e ela descreve o caminho, e o momento em que esse ser, essa visagem aparece, eles descrevem o caminho, “naquela época não tinha muitas casas”, “o caminho era fechado, era estreito” “a areia era branca”,



e o padre aparecia nas noites escuras, ou depois de algum festejo, em que alguém saía muito tarde da festa da Irmandade, e vinha um pouco bebido e acaba se deparando com aquela figura. Então essa é uma das histórias em que eu me apoio muito, por conta dessa descrição. E como eles estão no processo de alfabetização, eu trabalho com essa imagem do desenho, a leitura da imagem, primeiro eu conto, e então peço para que eles vão até suas casa, e recontem a história, e os pais recontem de novo, para que eles venham para dentro da sala transferir essa essa informação por meio dos desenhos, e depois a gente parte para escrita, é mais ou menos assim que eu trabalho com essa mediação, leitura e escrita com o apoio do desenho.

E sempre tomando o devido cuidado, essas histórias em que a gente trabalha, histórias do Quilombo, o homem que vira porco, as visagens que aparecem no caminho do Porto, a própria casa grande, porque se vê bem pouco das ruínas que ela tinha, então essas histórias, elas são reais para aquela comunidade, eu não posso tratá-las de uma forma pequena, “ah que isso não existe”, não! É do lugar onde eles vivem, Isso faz parte da cultura deles, então nós temos que ter o devido cuidado, a matinta, ela é um ser mitológico, “ah, é uma lenda, não existe”, “dizem que é, o que não é”, mas, para eles, para aquele lugar, as crianças sabem como é o assobio, os pais de alguma forma tentam repassar para elas, e elas dizem que ouviram. Então, eu tenho que ter todo o cuidado, como é que eu vou dizer que não existe, se eu não moro lá? Mas, eu preciso dizer que, apesar dela existir ali naquela comunidade, em outros lugares também tem essas histórias, e como é algo que muitas pessoas não viram, acabam não acreditando. Então, quando eu vou conversar sobre isso com eles, eu tomo esse cuidado, porque os seus pais, aquela pessoa que diz para eles “não pode mentir, que mentir é feio“ eu vou dizer “papai tá mentindo para mim”? Não, então aquilo, para eles existe, é real. Então, quando a gente vai repassar o processo da leitura, da escrita, tem de tomar cuidado com essa realidade, com essa vivência, com essa cultura que eles têm. Quando eu trabalho, quando eles fazem o reconto do local que era muito utilizado, antigamente, como a principal fonte de renda, que era a farinha, apesar de serem tempos difíceis. Eu tenho que ter todo um cuidado com eles, para recontar e vir para a escuta da leitura. Como são crianças do primeiro ano, tenho que ter o cuidado de que essa pessoa que eu venha trazer, em relação com a linguagem,



porque algumas coisas que eles falam, as crianças nem usam mais, nem utilizam, porque não viram, então a gente faz uma conversa, tenta fazer uma mediação, para depois a gente vir para escrita e produção de leitura.

Eu tento deixá-los livres, para que contem ao máximo essas histórias. Lá, na escola em si, eu não tenho livros em que apontem vivência similar esse espaço, a essa comunidade quilombola, à atividade tradicionais, como produção de farinha, a roça, o plantar, o cuidar da terra, não se tem muitos livros desse. Então, este ano eu comprei, adquiri alguns livros, como estamos numa comunidade quilombola, mas nós não temos predominância preta, homens e mulheres pretas, crianças pretas, porque temos uma mistura já, crianças pretas e crianças brancas, temos esses dois fenótipos. Eu preciso trabalhar com isso, preciso ter esse cuidado, inclusive, dentro da Leitura também.

### **3 Que tipos de livros e materiais de leitura são mais relevantes e acessíveis para as crianças que vivem em quilombos?**

Para para as crianças, os livros relevantes, na minha concepção, são alguns que venham a falar pelo menos de lugares, de histórias similares à da criança, que tenha como personagens crianças negras, crianças que tenham essa vivência dentro da floresta, esse contato com a terra, histórias que recontem, que falem de lugares similares a esse. Alguns livros que eu andei guardando por lá, contam histórias de animais, mas não são animais que tem lá, contam, remontam algumas coisas assim, histórias infantis. Cabem a eles? cabem, eu seleciono, levo a eles, um que eu tenho, já trabalhei e gostei, é “A Festa no Céu”. Eu gosto muito dos livros de Luanda, só que não tem lá, e com a feira do livro, que teve mês passado, eu comecei a adquirir alguns livros em que eles vão falar um pouco do cabelo, da própria cor da pele, porque tem essa questão que lá, entre os pais, entre a comunidade “olha, eu sou quilombola!”, e agora a questão da autodeclaração “me declaro preto, eu sou preto!”, mas para a criança, o que ela está vendo ali é o fenótipo! Então dá toda essa construção, trazer para criança leituras em que apontem essa figura da criança preta, de personalidades pretas, de histórias em que exaltam um pouquinho da cultura negra é bem interessante para eles.



Quanto aos materiais, eu tento usar livros, imagens, trabalhei com fotos. Eu pego o que eu puder utilizar. Fiz um trabalho com capas de livros, todos os livros em que remeter-se a essa questão da cultura negra, falasse de histórias que lhe apresentassem crianças pretas. Uma das capas de livros que eu fiz uma atividade foi "minha mãe é preta sim!", e foi bem interessante que o menino disse assim "olha! a minha mãe também é preta!", e como que ele se vê nesse processo, nesse livro, nessa história, aí eu tento trazer dessa forma.

#### **4 Professora, quais habilidades e conhecimentos são necessários para formar mediadores de leitura eficazes dentro do contexto quilombola?**

A primeira habilidade é a pessoa gostar de ler. Outra coisa, dentro do contexto quilombola, não existe um contexto quilombola, existem os contextos quilombolas. Porque para que essa leitura venha ter eficácia, quando a gente fala de educação escolar quilombola, ela é a leitura do que eles vivenciam. Então esse mediador, mesmo que ele não seja, o ideal é que ele seja dessa comunidade, que ele conheça, e sinta-se pertencente a essa comunidade, ele precisa se adequar a isso, precisa adquirir isso, aprender, se doar, mergulhar a fundo nisso, essa história dessa comunidade em que ele vai ser mediador, onde se quer ser mediador. Essa compreensão, eu até pouco tempo atrás, não tinha, porque eu disse "Ah eu conheço um pouquinho, eu conto uma história, eu sei que fazer farinha", fazer farinha, praticamente a maioria das comunidades remanescentes quilombolas, eles têm esse fazer, essa cultura, e não é uma atividade que é exclusiva dos quilombolas, não!

Os povos indígenas também, os povos da floresta também, os povos das águas, dependendo da comunidade, também! Então, a questão é eu conhecer, principalmente, esse lugar, essa comunidade quilombola, e a partir daí, das histórias deles, construir narrativas e buscar leituras que possam remeter a esse lugar, ou buscar histórias que já tenham livros, leituras que já tenham sido escritas por essas comunidades.



## **5 Quais são os principais desafios enfrentados na implementação de práticas de contação de histórias e mediações de leitura em comunidades quilombolas?**

É porque eles não tem essa cultura da leitura, às vezes na escola a gente nem tem essa prática, hoje quem está na escola, as pessoas responsáveis pela Escola, são pessoas da própria comunidade, e essa leitura ela não é colocada em primeiro plano, falasse em primeiro plano, mas ela não é colocada, de que forma eu posso estar explicando isso? A criança precisa aprender a ler, e o que seria? lê umas palavras soltas? ela já sabe ler! Consegue escrever o nome próprio? Beleza, então já está alfabetizada. Meu objetivo não é isso! Que essa criança faça uma leitura em que ela compreenda o que leu, entenda, compreenda e interprete o que leu. Então é esse o maior desafio, quando a gente vai, sai da escola vai levar para família, para ter o feedback da família, aí começa o grande desafio, aí tem se um gargalo, porque essa família não lê, esses pais, eles foram criados para o trabalho, e, sabendo ou não ler, eles vão realizar o trabalho, que é coleta dos frutos, é um trabalho na roça. Então é essa a perspectiva. De uns 5 anos para cá, podemos dizer que em algumas famílias, cujos pais, mãe ou pai, conseguiu vir para a universidade, conseguiu concluir o fundamento maior ou médio, e a partir daí teve a possibilidade de, através do processo seletivo, do PSE, adentrar as universidades, aí sim a gente já vê um processo, começando a caminhar, mas isso, é aquela leitura que eles são obrigados, por conta do estudo, não que seja uma leitura deleite “Ah, vamos sentar, tem um livro, vou ler com meu filho, vou comprar um livro”, não, não percebo. Então essa mediação da leitura ainda seria por alguém de fora, de fora, que eu digo, de fora da comunidade, que esteja na escola, mas que não seja de morador. Então, essa pessoa teria também de se inteirar da história dessa comunidade, para a gente poder começar um trabalho de mediação e leituras que possam estar trabalhando justamente essa cultura negra, essa criança preta, sempre ressaltando isso, porque eles não se vêem, as histórias que eu vejo dos livros lá, é sempre a criança Branca, a criança loirinha, a criança dos olhos claros. Inclusive, tem crianças que quando a gente pede para realizar o auto retrato, ela se pinta de Rosinha e coloca os olhos claros.



## **6 De que maneira a participação da comunidade e dos líderes quilombolas pode enriquecer as práticas de mediações de leitura?**

Promover a leitura não é algo que é fechado, específico, obrigação somente da escola, mas sim, as associações, a comunidade, elas podem criar mecanismos, construir espaços para que possam ser trabalhados essa questão da leitura, dentro da própria comunidade. Na comunidade onde eu trabalho, tem uma associação, tem um espaço próprio, inclusive, lá tá escrito “Espaço da Leitura”. Então eles poderiam, também, viabilizar projetos, conseguir mais materiais (livros), ainda tem isso, porque os materiais, eles são escassos, os livros que nós temos, que trabalhem a questão racial, que fale sobre essa cultura preta, que tem venha trabalhando dentro desse contexto, eles são poucos, e quando nós temos, eles ainda são caros. Então, lá nas comunidades, existem o grupo das igrejas, tem as neopentecostais, tem a igreja católica ali inserida, pouco se vê das matrizes africanas, pouco se vê, porque é muito velado, ainda é aquela coisa demonizada dentro das comunidades, isso é forte, então elas podem poderiam sim estar promovendo, construindo espaço, para trabalhar isso dentro das escolas, para trabalhar dentro da própria Associação, através de projetos de leitura, e isso já viria até como um exercício para quando chegasse à escola, a universidade, para que já tivessem uma prática melhor.

## **7 Quais metodologias de contação de histórias são mais eficazes para engajar as crianças dos anos iniciais nas comunidades quilombolas?**

Em sua maioria, a prática de leitura, para que ela seja eficaz, não é diferente de outros lugares, como preparar um ambiente, colocar aquele espaço de modo que a criança perceba que chegou o momento da leitura, arrumar ele de forma a aguçar essa criatividade, essa curiosidade diante do livro. Valorizar o próprio livro, colocar ele em destaque, criar momentos em que digam “Olha, é a Hora da Leitura!” ter uma rotina de leitura. A pessoa que vai ler aquela história precisa conhecer um pouquinho, já me deparei com histórias em que eu fui pegar o livro na hora e não era um não era adequado para



faixa etária, ou era muito longo, enfim, para poder mostrar para eles, levar para aquela turma, minha turma do primeiro ano, eu coloco um ou dois livros em que tenham letras menores, que seja um pouquinho maior, eu acho que eles precisam ver que tem livros de todos os tipos. Mas, para eles, livros que tenham mais figuras, as letras maiores, chamam mais atenção deles, a pessoa que vai mediar aquela leitura, precisa ter cuidado, trabalhar entonação de voz, utilizar desses mecanismos, para que ela possa tá chamando a atenção da criança. Se a gente for chamar alguém da comunidade, um griô, que ele tenha uma leitura boa, que ele faça uma pré-leitura daquele livro, não tem problema de ser outra pessoa de fora, mas não simplesmente convidá-lo e na hora pegar qualquer livro e entregar na mão. E esse livro, sempre ressaltando, apesar das dificuldades de ter adquirir esse tipo de acervo, de ter esse tipo de literatura dentro da escola, que reporte a cultura quilombola, mas, devagar e devagar, comprar um, compra dois, é importante que se tenha, mas infelizmente, não há, ainda, por parte dos responsáveis das escolas quilombolas, não percebo que há uma preocupação em adquirir essas literaturas, ou mesmo, apesar do desejo, de dizer que querem um espaço, uma sala de leitura, um espaço diferenciado, não há um movimento para que isso seja implementado.

## **8 Como a tecnologia pode ser utilizada para promover a leitura e a contação de histórias em Quilombos, respeitando suas tradições culturais?**

Quanto à tecnologia, nós podemos dizer que os quilombos têm as próprias tecnologias, então quando eu falo em tecnologia, eu sei que eu posso estar pensando nas imagens fotográficas, em trazer o protetor, algo na televisão, enfim, tudo é válido, mas primeiramente, é preciso saber qual é a minha intenção, ter um objetivo para aquilo, ter algo em mente, ter um planejamento. Se eu vou utilizar da TV, o que eu vou fazer primeiro? que tipo de história eu vou procurar? Ver a história que vai ser contada, a pessoa que tá contando, será que vou conseguir alcançar meu objetivo? Tá dentro do que eu quero? chegar na hora e “Ah! vou falar da leitra Menina bonita do laço de fita” e a primeira que apareceu eu coloquei, vamos dizer, na TV. Então, fazer uma boa pesquisa,



trazer uma imagem boa, trazer com a letra boa, eu acho que toda tecnologia, todo mecanismo, ele é válido! Desde que haja um planejamento, quando eu penso no quilombo, quais são as tecnologias do Quilombo? Eu posso pegar um paneiro, trazer um para cá, porque ele é uma tecnologia? Ele trazia as coisas de dentro da mata nas mãos, nas folhas, então quando ele constrói o paneiro, aquilo se torna utensílio, é uma nova tecnologia para ele, um novo instrumento, então é uma tecnologia do quilombo. Quando eu faço um balaio maior, quando eu tranço uma folha, então são tecnologias do quilombo. Então, eu preciso trazer isso para cá e utilizá-lo da melhor forma possível, para aquilo que eu quero, preciso ter o meu planejamento, a intenção é utilizar as diferentes formas de tecnologias que eu tenho é o meu favor, se for um projetor? A mesma coisa. Em que sala eu vou utilizar? Em que momento, em que horário eu vou usar? Entender tudo, porque “aí, porque eu vou projetar aqui, nessa parede, mas essa parede tem um desenho, vai atrapalhar”, Então quanto mais claro, quanto mais visível for, a tecnologia não é somente o projetor, a TV, o computador, mas o próprio quilombo tem suas tecnologias, até levar de uma forma para que as crianças compreendam isso, que elas produzem tecnologia, que seus pais, avós, produzem tecnologia.

## **9 Como garantir que as práticas de mediações de leitura sejam inclusivas e atendam às diversas necessidades e realidades das crianças quilombolas?**

Uma das formas é, primeiramente, garantir que essa escola quilombola tenha um PPP, tenham um projeto político pedagógico, que mostra a intenção, o objetivo, a importância de que essa escola tenha um espaço dedicado a leitura, que essa mediação de leitura, essa realização, é importantíssima no processo de aprendizagem, de evolução, de construção da própria criança, do adulto, porque também tem várias etapas. Mas, da criança enquanto ser quilombola, esse processo de aprendizagem, construção da sua própria identidade, e construção de pequenos leitores, que essa cultura, ela perpassa, saia da escola, permaneça mesmo fora da escola, então para que isso aconteça, a escola precisa dizer o que ela quer, precisa mostrar em seu documento oficial, que é o projeto político



pedagógico, que ela tem um projeto de leitura, que realiza, e que ele esteja direcionado aos vários grupos que se tem dentro da escola, eu preciso que essa leitura alcance os meus alunos que têm mobilidade reduzida, os meus alunos que têm baixa visão, os meus alunos surdos, os meus alunos que têm TDAH, os meus alunos que têm e que são TEA. Quem quer que seja, então, ali dentro deve estar tudo implementado, e que possa ser feito até entre os profissionais durante o processo de planejamento e perceber qual profissional se identifica com a contação de história, “ah hoje é o dia da professora tal”, mas tem outras pessoas que não se identificam com o processo de contação de história, e lê de qualquer jeito, não dá a devida entonação, não toma o devido cuidado. Tem recursos que a gente vai utilizando, voz, gesto, roupa, músicas, para tá chamando atenção dessa criança no momento da leitura. Então esse momento de planejamento também seria disso, perceber qual desses profissionais que a escola dispõe, tem essa facilidade, gosta da Leitura, tem esse jeito, um profissional que tem o perfil, então eu sempre falo assim, não tem um profissional ruim, tem o profissional que não tem o perfil, se eu não tenho o perfil daquilo, eu não vou conseguir fazer o meu trabalho legal mesmo, porque eu não tenho esse perfil, mas se colocarem eu na função que eu sei fazer, eu serei um ótimo profissional.

## **10 Que impacto as práticas de mediações de leitura e contações de histórias podem ter no desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças nos anos iniciais?**

Uma boa mediação de leitura sempre vai ter impactos positivos, quando eu percebo, conheço o meu público, entendo como é aquele lugar, trago literaturas que vão ser interessantes a eles, quando se trata de comunidade quilombolas, principalmente compreender o que é esse ser quilombola, que lugar é esse, entender esse território, eu vou trazer literaturas em que vou trabalhar a identidade desse lugar, dessa criança, tudo que ela vai fazer a partir daí, ela vai ter essa compreensão, vai facilitar nos estudos dela, seja de matemática, de história, perpassando pelo, vamos dizer assim, os eixos das disciplinas, e para a vida como um todo, porque quando a criança tem essa leitura ampla, ela vai buscando, ela começa a ter o prazer da leitura, o gosto pela leitura, ela vai querendo



cada vez mais realizar suas leituras, e isso vai fazer com que ela melhore na sua compreensão de mundo, desse lugar onde ela vive, e que também há outros espaços, similares a esses, tão importante quanto o dela, e esses processos só vão melhorar a parte cognitiva dela, o processo de aprendizagem dela. Esse é o meu ponto de vista com relação à leitura.